



HOMEM-MÁQUINA: UM ENSAIO SOBRE COMO OS OBJETOS TÉCNICOS TRANSFORMAM O 'VIR A SER' DO HUMANO

Lillian Bento
bentolillian@gmail.com
PPG Instituto de Artes da Unicamp


ISSN 2316-6479

Avanços científicos e tecnológicos apontam para a constituição de uma sociedade pós-humana, de um tempo em que o homem é despido de sua condição plenamente humanista, no sentido clássico do termo, para experimentar o aprimoramento e o aumento das possibilidades corpóreas a partir do acoplamento do corpo biológico a objetos técnicos. A figura do ciborgue passa a fazer parte da existência humana nos séculos XX e XXI, com experimentos como a corrida especial no contexto da Guerra Fria.

Com um corpo plenamente terreno foi necessário a utilização de tecnologias desenvolvidas para o que o ser humano pudesse permanecer e sobreviver por determinado tempo na superfície lunar. Portanto, é possível afirmar que o homem, tal como o concebemos biologicamente, não foi a Lua. Quem realmente se lançou ao espaço foi um ciborgue, adaptado para tanto. Para explorar o fundo dos oceanos, o aparelho respiratório humano também precisou de ganhos tecnológicos. No campo das artes, igualmente, o homem conquistou uma ampliação do olhar com a utilização de objetos técnicos, tais como a câmera cinematográfica. Conseguiu também expandir a memória com o advento da fotografia e posteriormente da computação e da robótica.

Há algumas décadas as descobertas científicas, o avanço da genética e da tecnociência têm levado artistas, cientistas sociais, filósofos, escritores e cineastas a pensarem sobre a emergência dessa chamada era pós-humana. Na Literatura nomes como Julio Verne, H.G. Wells, Aldous Huxley e Mary Shelley, com seu notório romance *Frankenstein* (1816), se destacaram por tratar da existência de seres maquínicos. No cinema esse dualismo também tem sido abordado em diversas obras, como o clássico *Blade Runner* (1982), do diretor Ridley Scott, que trata da tomada do planeta por andróides.

O presente ensaio fotográfico propõe a representação dessa interação entre humano e tecnologia pensada a partir pensamento do filósofo francês Gilbert Simondon, segundo o qual a oposição entre cultura e técnica é falsa, bem



como a oposição entre homem e máquina. Um dos maiores prejuízos de pensar a máquina como algo estrangeiro ao que é humano é o desconhecimento de sua natureza. Essa postura pode levar a duas atitudes contraditórias. A primeira concebe a máquina apenas como uma utilidade, desprovida de significado verdadeiro. A segunda supõe o objeto técnico como robôs, que animados por intenções hostis, poderiam representar perigos para o homem.

Porém para Simondon, esta relação pode ser diferente e melhor a partir da construção de uma filosofia não-autocrática das máquinas e com o estudo dos modos de existência das máquinas, do humano e da relação entre homem e objetos técnicos. É justamente esta relação, que define não o que o ser humano é, mas o que ele se torna a partir da interação com a tecnologia, que motiva esse ensaio fotográfico. Busca-se aqui, a partir de uma composição em branco e preto, representar a interação e, em alguns casos, a fusão entre corpo biológico e objeto técnico. O cenário escolhido foi um estúdio de televisão, espaço em que o homem cria novas realidades artísticas a partir da utilização de tecnologias.

Minicurrículo

Lillian Bento é Doutoranda do programa de pós-graduação em Multimeios, no Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Estuda o pós-humano na obra do cineasta canadense David Cronenberg, sob orientação do professor Doutor Gilberto Alexandre Sobrinho. Mestre em Comunicação, Cultura e Cidadania pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e jornalista formada pela mesma instituição.